

ENSINAR É UMA ARTE

Fabiana Veríssimo da Costa Souza¹

Déborah Caron²

Cristiane Rodrigues Mendonça de Souza³

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar as aplicações docentes para uma educação efetiva, porque se busca a todo o momento uma linha de desenvolvimento do ensino/aprendizagem para que a criança tenha segurança em sua trajetória de estudo e da vida. Mas, para isso, se faz necessário que a escola saiba com clareza quais os objetivos a ser alcançados, que o educador se conscientize de sua responsabilidade e que esteja envolvido em entender seus alunos, na busca de uma aprendizagem alicerçada à realidade e à necessidade que o ensino exige.

Palavras-Chave: Ensinar, Aprendizagem, Segurança.

ABSTRACT

This study aims to observe how to teach is an art and why it seeks, all the time, a line of development of the education and learning, to help the children to have a security in their study life. But for this it is necessary that the school knows clearly which the goals need to be achieved and, the educator, needs to be conscious about his/her responsibility and fully committed to understand their students to give them a learning founded in a reality that teaching requires.

Key-words: Teaching – Learning – Security.

¹Mestranda em Educação, pela Universidade de Uberaba (Uniube).

²Mestranda em Educação, pela Universidade de Uberaba (Uniube).

³Mestranda em Educação, pela Universidade de Uberaba (Uniube).
Cadernos da Fucamp, v.15, n.22, p.91-99/2016

INTRODUÇÃO

O título do presente estudo é *Ensinar é uma Arte*. Foi escolhido este tema porque para ensinar se faz necessário habilidade, ter aptidão para se realizar. Tem-se várias peças, que precisam ser selecionadas, organizadas e montadas. Depois se faz uma avaliação, ou, observação para verificar se o que foi montado está compatível à figura que se queria montar.

Assim, é o ensino a escola pertence a um ambiente, ou seja, a um bairro, que neste existem vários tipos de famílias, cujos filhos precisam estudar. Por isso, os responsáveis pela escola, necessitam conhecer quais realidades enfrentadas neste lugar, para poderem traçar seus projetos, planejar seu ensino, acompanhar a rotina do ensino-aprendizagem e avaliar se o objetivo foi alcançado.

O cuidado maior, é permitir que todo esse processo tenha o aluno como o foco principal. Devido, ser acompanhado e que se não responder positivamente ao ensino, o professor terá que ter criatividade de fazer adaptações, na busca de sanar as dificuldades apresentadas. Por isso, se trata de um processo dinâmico, capaz de sofrer mudanças à medida que precisar.

ENSINAR É UMA ARTE

Ensinar é ter aptidão para realizar algo estando preparado para tal ação, pois se trata de um processo dinâmico e está totalmente associado à troca de informações.

Assim, o ensino busca a aprendizagem, e esta como sendo um processo de aquisição de conhecimentos, é sempre dinâmica, pois as informações adquiridas para que se efetive, necessitam ser estudadas criticamente, intencionalmente e associadas à realidade ao qual se está enfrentando.

A aprendizagem é definida como “(...) *um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir*”. (SCHMITZ, E. F.1982. P. 53).

O responsável por ensinar, necessita ter uma abordagem teórico- metodológica que permita planejar intencionalmente um ensino voltado para uma educação que se efetive, situando do quanto se faz necessário a troca de informações, ou seja, da mesma forma que ensina, está sujeito a aprender, basta observar o ambiente e detectar a realidade para conseguir fazer adequação das teorias, objetivando o enraizamento da aprendizagem. Proporcionando, dessa forma, a segurança de todo o processo ensino-aprendizagem.

Para tanto, se faz necessário pautar e defender o aprendizado organizado de forma adequada resultando em um desenvolvimento consciente e crítico, onde o aluno perceba e se aproprie dos conhecimentos ali desenvolvidos, hoje se pede um ensino construtivista, pois as crianças precisam ser reconhecidas como sujeitos do conhecimento, e suas interações ao ambiente ao qual estão inseridas. Então, se faz necessário, uma coerência entre as finalidades educativas, os objetivos e o planejamento, associando processo de ensino à aprendizagem.

Então, a criança ao mesmo tempo em que constitui o mundo, é passível de ser constituída por ele. Ou seja, enquanto realiza transformações, ou não, no ambiente em que vive, a partir de suas transformações, também está exposto a sofrer interferências, impedindo-o de ser capaz de direcionar o próprio futuro.

FREIRE, observa ser necessário que

Comecemos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente dele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. Sua presença num tal mundo, presença que é um estar com, compreende um permanente defrontar-se com ele. (FREIRE, 1985, p. 39)

Nesta linha de pensamento, acredita-se ser fundamental a relação entre sujeito/criança e objeto. A criança enquanto ser histórico é envolvida num constante processo de transformação na construção do conhecimento, ou seja, seu ir e vir incessante com o objeto a ser explorado. E objeto, especificamente, é tudo aquilo com que o sujeito/criança possa lidar objetivamente e/ou subjetivamente. Sendo assim, cada criança/sujeito é capaz de construir características comuns na forma de pensar sobre as coisas do mundo.

É natural que a criança traga uma bagagem de conhecimento, que pertença ao mundo que vive. A partir desta vivência, é responsabilidade do educador, fazer com que fique à vontade para descrevê-la a ponto despertar em todas as crianças a participação. Com isto, o Cadernos da Fucamp, v.15, n.22, p.91-99/2016

educador, conseguirá intermediar a conversa e a aula fluirá. Tendo como responsabilidade, observar, avaliar e adequar a teoria à prática, ou seja, à realidade as quais seus alunos estão inseridos.

Entretanto, para não se perder neste modo de ministrar as aulas, terá que respeitar alguns passos no intuito de se organizar melhor, ou seja, fazer projetos, planejamento, manter uma rotina de trabalho e por fim avaliar.

Quanto se fala em projetos, é uma maneira de organizar o trabalho pedagógico. Por meio deste, será possível aproximar as crianças do professor, mantendo o compromisso constante de uma construção compartilhada dos conhecimentos, na qual poderá envolver discussões, interação e socialização, podendo até ir além do ambiente da sala de aula, alcançado o processo de ensino-aprendizagem das outras salas, buscando cooperação, profissionais da escola e até dos pais.

Nesse sentido, este autor defende que projeto *“É um empreendimento finito, com objetivos claramente definidos em função de um problema, oportunidade ou interesse de uma pessoa ou organização”* MAXIMIANO (1997, p. 20) .

Os tipos de conteúdos e objetivos trabalhados nos projetos na busca de conhecimentos, referem-se aos fatos e conceitos (o que o aluno precisa saber), procedimentos (o que o aluno precisa saber fazer), normas, valores e atitudes (o que o aluno precisa ser).

É interessante também, que na elaboração dos projetos, tenha uma abrangência interdisciplinar, proporcionando um vínculo entre os conteúdos e as leituras do mundo. Desta forma, ao colocá-lo em prática, será assimilado e os objetivos serão alcançados.

Já o planejamento, sempre fez e faz parte da existência humana, possibilitando uma transformação da natureza por meio da linguagem. Na área da educação contribui a desenvolver os objetivos, alcançando as finalidades educativas e ainda possibilitando uma avaliação coerente e comprometida com a realidade do ensino pedagógico. Nesta linha, o educador é um planejador de estratégias, capaz de facilitar a mediação entre o conhecimento espontâneo pertencente à criança e o conhecimento científico.

Entende-se dessa forma, que o planejamento é dinâmico e necessita ser intencional e passível de alterações, porque diante da realidade ao qual está inserido na sala de aula, poderá

ocorrer a necessidade de mudanças da ordem do planejado. Supõe-se que o educador tenha planejado uma atividade, mas verifica que acontece uma dispersão das crianças, ou seja, não houve interesse, então caberá ao educador, fazer adaptações das atividades, a fim de buscar o desejo da sala em participar, e juntos atingir o objetivo almejado.

Assim, o professor é o mediador que prepara e organiza intencionalmente o processo de ensino-aprendizagem, e na busca de atingir uma compreensão consistente e totalmente relacionada com o cotidiano da criança, deve buscar a participação de todos no planejamento coletivo dos alunos, entendendo esta inserção como um exercício diário de construção da coletividade. No entanto, ao iniciar cada dia de trabalho, o professor deve informar às crianças sobre o planejamento, incentivando-as a participar, com sugestões de outras atividades. Isto, é fazer adaptações, tem-se um planejamento a ser desenvolvido, cabendo ao professor, acompanhar as crianças, que nas atividades realizadas vão respondendo ou não à proposta de ensino, e fazer adaptações necessárias, na busca de atingir o objetivo, que é o ensino-aprendizagem.

Para que um planejamento alcance seu objetivo, PILETTI (1987) defende que o planejamento de ensino precisa seguir quatro etapas, conhecer a realidade, elaborar um plano, executar o plano e avaliar/ aperfeiçoar o plano. Pois, segundo o autor deve se levar em consideração o interesse e a curiosidade do alunado: *“Para poder planejar adequadamente a tarefa de ensino e atender às necessidades do aluno é preciso antes de tudo, saber para quem vai planejar”* (1987, p. 63).

Por fim, é com o planejamento que se especifica os passos da atividade em sala de aula, considerando o tempo, se ocorre ou não a interdisciplinaridade, onde e como o professor deve observar para depois conseguir avaliar, ou seja, é no planejamento que aparecem claramente as intenções educativas.

E quando defende a necessidade de verificar a rotina das crianças, é porque elas trazem consigo o dinamismo, ajudando o planejamento coletivo, no qual o professor encaminha suas propostas, e os alunos contribuem por meio de sugestões. Nesta parceria, devem estar presentes ações desenvolvidas constantemente, ou seja, as atividades de rotina e todas as outras atividades do dia a dia. Estas atividades, não são mecânicas, ou rígidas. São muitas vezes facilitadoras da construção de hábitos, são muitas vezes pontos de referência na movimentação das crianças, ajudando a ordenar os acontecimentos, orientando a sequência

das atividades diária, proporcionando segurança, já que as crianças participam ativamente de tudo que vai ser desenvolvido na sala de aula. Como exemplo, ao ser combinado que depois do lanche irão para o jardim. Assim, a criança já sabe qual atividade será executada após a que está sendo trabalhado. E ao planejar uma rotina de atividades, deve se considerar os horários preestabelecidos para o seu desenvolvimento, que se relacionam com o funcionamento da escola. Outro aspecto a ser levado em consideração no planejamento de atividades cotidianas, é observar o ritmo de desenvolvimento de trabalho do grupo, ora mais calmo, ora mais agitado, por isso está sujeito a adaptações.

E por fim, a avaliação

(...) é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que aja condições de decidir sobre alternativas do planejamento de trabalho, do professor e da escola como um todo. PILETI (1987, p. 190)

O processo de avaliação como um processo contínuo, não pode ser considerado um fim, mas sim um meio, que permite verificar se os objetivos estão sendo alcançados, facilitando a separação de alunos que tem mais ou menos dificuldades no processo de ensino/aprendizagem. PILETTI (1997) compreende três funções de avaliação: diagnóstica, controle (formativa) e classificação (somativa).

A avaliação diagnóstica, segundo PILETTI (1997), é a responsável por verificar os conhecimentos que os alunos trazem consigo, juntamente com suas particularidades. Quanto a avaliação formativa, capacita o professor a identificar como está o rendimento da aprendizagem dos alunos, conseguindo localizar quais deficiências na organização das atividades. E, finalmente, a avaliação somativa, tem por objetivo ajudar a classificar os alunos no encerramento do ensino, segundo os níveis de aproveitamento. A partir destes, o educador conseguirá fazer um diagnóstico real da criança. Sendo imprescindível, que ao final de cada etapa, realize reunião com os responsáveis, visando uma cooperação no processo de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que o educando que necessitar de investigação mais aprofundada a respeito das dificuldades, além das habituais, poderá passar uma avaliação especializada que direcionará as bases para que seja elaborado um planejamento didático-pedagógico, visando proporcionar-lhe condições para sanar as dificuldades. Além de todos esses cuidados de

avaliação individual das crianças, que necessitam ser realizadas de forma precisa, com a finalidade de compará-las entre si, respeitando, sempre, o ritmo de cada uma delas, o professor precisa analisar a relação existente entre o seu trabalho e o desenvolvimento dos alunos. A busca de uma avaliação constante, de seu planejamento e o confronto deste com as atividades, ajuda na organização de um relatório, que além de manter um registro individual, ajuda o professor a manter viva a história do grupo. Que ajudará o educador a enfrentar os próximos desafios a serem enfrentados, que embora não sejam idênticos, facilitará a traçar caminhos para ajudar seus alunos a enfrentar limitações que com a apropriação dos conhecimentos se desaparecerão.

Com o estudo realizado, é de grande valia saber que existem projetos, planejamentos, rotinas e avaliações. Mas, quem direciona todo este processo é a criança que precisar ser observada e compreendida pelos professores em todo momento, pois

A criança provavelmente acha difícil solucionar problemas que envolvem situações da vida cotidiana, porque não tem consciência de seus conceitos e, portanto, não podem operar com eles à vontade, conforme a tarefa exige. Uma criança de oito ou nove anos utiliza corretamente a palavra *porque* em uma conversa espontânea; ela nunca diria que um menino caiu e quebrou a perna *porque* foi levado ao hospital. Entretanto, é isso que ela faz em experimentos, até que o conceito de “porque” se torne totalmente consciente. Por outro lado, ela conclui corretamente frases relacionadas às ciências sociais: “A economia planejada é possível na Rússia porque não há propriedade privada – toda a terra, as fábricas e as usinas pertencem aos próprios pertencem aos operários e camponeses.” Por que, nesse caso, ela é capaz de executar a operação? Porque o professor, trabalhando com o aluno, explicou deu informações, questionou, corrigiu o aluno e o fez explicar. Os conceitos da criança se formaram no processo de aprendizado, em colaboração com o adulto. Ao concluir a fase, ela utiliza os frutos dessa colaboração, dessa vez independentemente. A ajuda do adulto invisivelmente presente, permite à criança resolver tais problemas mais cedo do que os problemas que dizem respeito à vida cotidiana. (VIGOTSKI, 2003, p. 133).

Por isso o ensino, pode ser considerado como uma arte, a arte de ensinar, um processo dinâmico, capaz de sofrer adaptações à medida que a realidade exigir. Tudo em prol de um ensino capaz de proporcionar segurança na aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que aprendizagem é a apropriação dos conhecimentos e da cultura que na qual está inserida, que vem a ser transmitida pelo mediador, vindo a ser o professor e não somente ele, mais por meio dele e da transformação social que vem a acontecer no decorrer da apropriação dos conhecimentos. A criança quando começa a sua vida escolar, já traz consigo

conhecimentos próprios, que precisam ser considerados e entendidos, para possibilitar o ensino ao qual se pretende desenvolver.

Elaborar projetos e desenvolver planejamentos, só serão eficientes, a partir do momento em que o professor consiga entender seus alunos, saber quais limitações trazem consigo e de que forma consegue assimilar o conteúdo didático que está sendo ensinado.

A metodologia a ser adotada é importantíssima, pois por esta perpassa a concepção de sujeito e conhecimento. Sendo bem mais do que um caminho, ela é uma orientação da ação pedagógica, refletida nos procedimentos e atitudes do professor e sua prática de ensino da sala de aula. Pensando nos vários bairros de uma cidade, com características específicas, das crianças envolvidas nesse ambiente, de suas histórias de vidas, é fácil perceber os vários tipos de realidades que enfrentam. Por isso, é necessário que se tenha muito conhecimento, ou seja, ler vários livros, teorias, teses, dissertações, artigos entre outros, que nos fará pensar e repensar uma prática de educação fundamentada em estudos, experimentos e realidades observadas.

CORTELLA (2002), afirma que é necessário esclarecer a conduta a ser adotada pelos educadores no seu cotidiano escolar, com uma atuação frente as demandas sociais, sempre levando em consideração a realidade em que se encontram o seu alunado, para proporcionar que possam serem cada vez mais livres, críticos e cidadãos autônomos.

É importante ressaltar, ainda que a apropriação dos conhecimentos deverá ocorrer de uma forma participativa, ou seja, entre professores, alunos, pais e toda a comunidade escolar. Dessa forma, é excluída a ideia do ensino ser desenvolvido de uma forma de ensinar por ensinar, pois essa prática tem que trazer consigo um ensino que busca atingir um objetivo, que é ensinar para que uma criança se torne um cidadão confiante, seguro e capaz de fazer a diferença numa sociedade dinâmica, cuja busca de conhecimento é constante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELLA, Mario Sergio. A escola e o conhecimento. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler – entre três artigos que se completam. 11ª ed. São Paulo, Cortez, 1985.

SCHMITZ, E. F. Didática Moderna. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos, 1982.

PILETTI, Claudino, Didática Geral. 8ª ed. São Paulo, Ática, 1987.

MAXIMIANO, A. C. A. Administração de projetos: transformando idéias em resultados. São Paulo: Atlas, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.